

A hermenêutica de Schleiermacher e a questão da individualidade

RESUMO

Este é um estudo sobre a hermenêutica desenvolvida por um dos precursores do pensamento hermenêutico moderno, a saber, Friedrich Schleiermacher. Este autor acreditava, influenciado pelo Romantismo, na possibilidade de compreender corretamente a ideia de um texto por meio de um retorno até o seu momento de produção. Importava para ele, em outras palavras, a compreensão da individualidade criadora, a qual representava uma dificuldade para evitar uma interpretação equivocada de um texto ou de qualquer outra forma de discurso. Trata-se de reconhecer a relevância e os limites dessa reflexão para pensar as questões aporéticas surgidas com a hermenêutica clássica, as quais dizem respeito à pergunta sobre o que significa compreender.

Palavras-chave: Hermenêutica; Schleiermacher; Compreensão; Texto; Individualidade.

ABSTRACT

This is a study on hermeneutics developed by one of the forerunners of the modern hermeneutical thought, namely Friedrich Schleiermacher. This author believed, influenced by Romanticism, in the possibility to correctly understand the idea of a text through a return to its creation moment. In other words, he cared about the understanding of the creative individuality, which represented a difficulty to avoid a misinterpretation of a text or other form of speech. It is to recognize the relevance and limits of this reflection to think about the aporias arising from the classical hermeneutics, which relate to the question about what it means to understand.

Keywords: Hermeneutics; Schleiermacher; Understanding; Text; Individuality.

* Doutoranda em Filosofia pela PUCRS.

Introdução

A maioria daqueles que se depara com a palavra “hermenêutica” a associa à técnica que tem por objetivo a interpretação de textos religiosos, jurídicos ou literários. Isto é, a concebe apenas como uma ferramenta, a qual, aliada à filologia e à gramática, por exemplo, pode tornar a linguagem obscura dos textos mais acessível.

Foi na Modernidade, porém, que o termo “hermenêutica” foi empregado de modo mais abrangente, deixando de ser simplesmente uma teoria da exegese de textos para se tornar uma “ciência geral da interpretação”. Com essa mudança, as teorias hermenêuticas deixaram de analisar os seus objetos isoladamente, para considerá-los como produtos daquelas atividades que são genuinamente humanas, como é o caso da produção de textos, e, portanto, interligados aos seus autores e à época em que eles surgiram. Desenvolveu-se na hermenêutica, assim, uma consciência histórica, que veio a ser o elemento indispensável para a reflexão acerca do problema da compreensão e que transformou a hermenêutica em uma disciplina filosófica.

O principal precursor desse novo modo de pensar a questão da interpretação foi o filósofo Friedrich Schleiermacher. Sua crença moderna de que tudo poderia ser convertido em objeto pela razão fez com que ele tentasse transformar, em última instância, a história em objeto de análise. Foi assim que ele procurou desenvolver uma hermenêutica universal que conseguisse superar, mediante a aplicação de dois métodos distintos de análise, a nossa distância temporal com relação aos textos do passado por meio de um conhecimento da linguagem e da história. Além disso, a relevância da hermenêutica de Schleiermacher foi ter dado origem a uma reflexão que implicou, posteriormente, em uma radicalização do problema da história. Daí a importância de tratarmos de uma de suas contribuições teóricas para a Filosofia.

A hermenêutica clássica e o pensamento paradigmático de Schleiermacher

O termo “hermenêutica” é antigo, provém dos gregos, e surgiu da tarefa de tornar compreensível aquilo que ultrapassava a compreensão humana, a saber, a mensagem dos deuses. Depois desse uso, sabe-se que continuaram lançando mão desse vocábulo para designar o cânone de regras a serem empregadas no intuito de se alcançar a compreensão adequada do sentido dos textos. Todavia, não qualquer texto, mas somente aqueles que apresentavam dificuldades de compreensão, seja por causa da distância espaço-temporal em que eles se encontravam ou da complexidade da tradução da língua estrangeira ou do modo ambíguo com que eles haviam sido escritos.

Por muito tempo definiram a hermenêutica como uma “teoria da exegese bíblica”, devido à necessidade criada “de regras para uma exegese adequada das Escrituras” (PALMER, 1986, p. 44). Entretanto, muitas das teorias desse tipo se diferenciavam quanto às regras que reuniam para a interpretação da Bíblia, tanto que podemos até arriscar e dizer que existiram várias “hermenêuticas bíblicas”.

Um exemplo de hermenêutica bíblica foi o ponto de vista de Lutero, cujo método consistia, em primeiro lugar, na compreensão da Bíblia valendo-se de sua literalidade e, em segundo lugar, na orientação pelo princípio retórico do todo e da parte. Além dessa hermenêutica, ainda era forte o domínio das interpretações da tradição dogmática da Igreja, o que não significa que o método de Lutero não tenha também professado um dogmatismo ao pressupor que a Bíblia é uma unidade.

Só se pôde colocar em discussão a tradição da hermenêutica bíblica e das outras hermenêuticas depois que a *Aufklärung* histórica apareceu e, com ela, o seu método histórico-crítico. Conforme Gadamer,

a hermenêutica teve que começar a desvencilhar-se de todas as limitações

dogmáticas e libertar-se para alcançar o significado universal de um organon histórico. (GADAMER, 1990, p.180).

O que significa que “os métodos interpretativos aplicados à Bíblia [deveriam ser] os [mesmos] que se aplicavam às outras obras.” (PALMER, 1986, p. 48), como, por exemplo, à literatura clássica.

Como se percebeu que o problema da interpretação não se solucionaria simplesmente com a leitura do texto pelo texto, mas pela “restauração histórica do contexto de vida a que pertencem os documentos.” (GADAMER, 1990, p. 181), foi aberto um espaço que dizia respeito a todo texto que havia se tornado estranho e inacessível e, assim, ampliou-se também o conceito de hermenêutica. Cada texto particular pertencia à totalidade da história. Em outras palavras, ampliando a ideia da circularidade do todo e da parte para a realidade histórica, pôde-se ver a ligação de todo e qualquer texto à situação histórica.

Por essa razão, não fazia diferença se estávamos a interpretar um escrito sagrado ou um escrito profano. Tínhamos que nos voltar para o problema do texto pertencer a um determinado contexto histórico que carecia ser levado em consideração. Fazia-se necessária, assim, *uma* hermenêutica que não analisasse apenas o texto histórico, mas também os elementos históricos que envolvem o texto, do insignificante ao mais relevante.

É uma consequência da *Aufklärung* acreditar que tudo é acessível à razão, inclusive a compreensão dos componentes obscuros da história. Foi por isso que a hermenêutica, seguindo esse ideal, deixou de ser uma doutrina da práxis a serviço do teólogo, por exemplo, para ser uma reflexão teórica acerca da história, na busca de uma essência comum nos casos de interpretação, visto que esta também fazia parte das atividades tidas por “racionais”.

Por mais que seja relevante uma investigação e uma descrição do desenvolvimento da hermenêutica desde a origem do seu termo com os gregos até a sua ampla utilização na Modernidade, a fim de fazer jus à sua história, não cabe a nós aqui uma

discussão com essa proporção. Essa breve menção que fizemos à sua pré-história, antes de fazer alusão a algumas das características do pensamento moderno, serviu apenas para mostrar que o exame que empreenderemos em torno da hermenêutica responde apenas às nossas questões, embora existam outras várias acepções para essa palavra.

Antes da *Aufklärung*, a compreensão histórica dos textos se dava por meio de pressupostos dogmáticos. Um exemplo disso era o “interesse dogmático pelo problema hermenêutico que despertava o Antigo Testamento na Igreja primitiva.” (GADAMER, 1990, p. 177). Interessa-nos, contudo, partir do ponto em que, motivados pelo poder da razão, alguns teóricos consideravam possível, mediante uma análise gramatical, filológica e, principalmente, histórica, fazer com que o conteúdo dos textos pudesse ser objetivamente expresso.

Essa mudança de perspectiva e o consequente desenvolvimento de uma consciência histórica surgiram, em especial, da concepção subjetivista-objetivista de Schleiermacher sobre o problema da interpretação. Portanto, queremos ressaltar a relevância do pensamento paradigmático de Schleiermacher concernente à hermenêutica e das aporias que daqui se originaram e que contribuíram para o surgimento de novas perguntas em torno da questão da compreensão, porque, com o resgate dessa proposta articulada no passado, temos melhores condições de pensar acerca do conceito de hermenêutica e da tarefa da hermenêutica. Como Hans Georg Gadamer mesmo destacou:

O rigor no uso dos conceitos requer um conhecimento de sua história para não sucumbir ao capricho da definição ou à ilusão de poder estabelecer uma linguagem filosófica vinculante. O conhecimento da história dos conceitos converte-se assim em um dever crítico. (GADAMER, 2002, p. 563).

É certo que o problema da controvérsia envolta no termo “hermenêutica”, seu sentido, sua origem e seu fundador, já são

questões por si mesmas aporéticas que merecem atenção. Todavia, no momento, essa reflexão não responde às nossas preocupações, tentaremos apenas compreender o conceito de "hermenêutica" a partir daquele que foi um dos seus principais representantes e que, atrelado às suas próprias perspectivas em torno do problema da história, trouxe novas configurações para a hermenêutica.

Por causa do poderio da razão é consequente o fato de ter surgido, dentro da Filosofia, uma disciplina que indagasse sobre o sentido estrito dos textos que para nós são caros, mas que são constantemente matéria de disputa devido à sua forma enigmática. Temos como exemplo desde os textos literários aos textos filosóficos, dos textos religiosos aos textos jurídicos. Se as ciências possuem métodos para compreender seus objetos naturais, os textos, que são produtos da razão, precisam de uma hermenêutica, "de uma ciência da compreensão adequada a obras." (PALMER, 1986, p.19), que considere seus elementos históricos e humanísticos.

No entanto, para Gadamer, foi Schleiermacher quem radicalizou essa problemática e trouxe para o problema da racionalidade desses "produtos do espírito humano", que são os textos e o discurso, um horizonte que até então não se conhecia. Para Schleiermacher, a "arte" de compreender adequadamente as obras não estava relacionada apenas à ideia de que a razão poderia captar a unidade entre o conteúdo do texto e a tradição, mas, pelo contrário, na aceitação de que

o esforço da compreensão surge toda vez que não se dá uma compreensão imediata e, assim, toda vez que se deve contar com a possibilidade de um mal-entendido. (GADAMER, 1990, p.182).

Isso significa que não é a capacidade da nossa racionalidade o tema principal, mas o reconhecimento da universalidade da "experiência da estranheza (*Fremdheit*) e da possibilidade do mal-entendido" (GADAMER, 1990, p.182). Em outras palavras, Schleiermacher quis atentar para o fato de que, por não haver compreensão imediata, a possibilidade do mal-entendido agora é consi-

derada um momento integrante da atividade de compreender, fazendo-se necessária uma "arte de compreensão" que evite justamente esses mal-entendidos, a saber, a hermenêutica.

Gadamer afirmou que no discurso artístico essa possibilidade da estranheza e do mal-entendido é muito maior, o que se agrava ainda mais com o discurso fixado por escrito. Foi um ganho de Schleiermacher ter tematizado essa "estranheza", o que aproximou, posteriormente, a hermenêutica desse debate em torno da obra de arte.

Isto é, a novidade da hermenêutica moderna e, em especial, da hermenêutica de Schleiermacher foi que, ao invés de se preocupar com "regras de compreensão", a natureza do próprio compreender – que é sempre um entender-se mútuo, um acordo sobre algo – tornou-se o principal problema a ser tematizado. Desse modo, a hermenêutica deixou de ser um conhecimento instrumental do teólogo ou do jurista para justificar teoricamente essa atividade da compreensão, o que mudou de um modo geral o próprio sentido da hermenêutica.

Conforme Schleiermacher, antes de qualquer preocupação com regras, a tarefa da hermenêutica é evitar os mal-entendidos, atitude essa que resulta do reconhecimento de que a possibilidade do ser humano errar é parte integrante da própria atividade de compreensão. Em outros termos, compreender um texto é compreender também uma individualidade, o comportamento do sujeito que deu origem ao texto e que é parte integrante da história.

Talvez não haja esforço maior do que a compreensão de outra individualidade, da consideração das peculiaridades do outro, pois isso implica, também, em uma auto-compreensão. Como chegar a um acordo com o outro, se continuarmos com as mesmas convicções? Para Schleiermacher, "todos os problemas da interpretação são, na realidade, problemas da compreensão." (GADAMER, 1990, p.188), visto que o mal-entendido se dá por si mesmo, podendo ocorrer inclusive na conversa imediata, enquanto a compreensão (a interpretação correta) é algo que deve ser buscado.

Buscar compreender é deixar vir à tona uma verdade, que está presente no texto, mas que diz respeito àquele que o produziu, bem como a nós mesmos. O esforço pelo encontro da compreensão adequada, fez com que Schleiermacher isolasse o procedimento do compreender e buscasse para ele uma “metodologia” própria. É acerca dessa “metodologia”, aliada aos elementos inovadores de seu pensamento, que discorreremos adiante.

As contribuições da “hermenêutica psicológica” de Schleiermacher

Schleiermacher desenvolveu uma ciência capaz de descrever as condições da compreensão em qualquer diálogo, o que não havia sido feito pelos seus precursores (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 91). O resultado disso foi a elaboração de uma hermenêutica geral (*allgemeine Hermeneutik*), de “um corpo geral de princípios metodológicos que subjazem à interpretação” (PALMER, 1986, p.55). Nesse sentido, ele partiu do pressuposto de que existe uma unidade fundamental entre todos os textos, a saber, de que todos eles exprimem uma ideia de um autor, o qual se utilizou de uma língua e, conseqüentemente, de uma gramática para expressá-la.

Portanto, conforme Schleiermacher, a tarefa da hermenêutica é reconhecer que há essa unidade e tentar compreender corretamente a ideia do texto. Porém, isso só poderia ser feito, segundo esse autor, realizando uma análise da linguagem e, simultaneamente, captando o pensamento do autor mediante um retorno até o momento de produção, ou melhor, do surgimento do texto, de sua gênese. Ele se utilizou, assim, de dois “métodos” de interpretação de texto, a saber, um gramatical (comparativo) e outro psicológico (divinatório). É neste último “que se encontra sua contribuição mais genuína.” (GADAMER, 1990, p. 190).

Por essa razão podemos falar que Schleiermacher desenvolveu uma “hermenêutica psicológica” orientada pelo comporta-

mento divinatório daquele que interpreta, na medida em que este procura uma “reformulação do ato criador” (GADAMER, 1990, p. 191). Cabe ao intérprete, em outras palavras, apreender a origem interna da produção da obra, a qual, como um momento da vida, só pode ser entendida dentro do processo vital da vida do autor.

Schleiermacher percebeu que apenas se servir de regras de interpretação não era suficiente para alcançar a compreensão correta dos textos, porque apesar da importância do “método” gramatical e da busca por aquilo que é familiar (comum), sempre acaba existindo um elemento que é peculiar à individualidade de outro (estranho) e que só poderá ser revelado mediante a adivinhação, a compreensão psicológica do texto por parte daquele que interpreta.

Por isso, segundo Gadamer, a hermenêutica desenvolvida por Schleiermacher era uma “metafísica estética da individualidade.” (GADAMER, 1990, p. 193), isto é, ela buscava um fundamento para a compreensão de todo tipo de texto a partir da reflexão sobre a individualidade criadora. Em outros termos, Schleiermacher procurou entender cada momento de produção livre, voltando-se para os textos ou partes que compõem a produção do autor, com o objetivo maior de captar um modo de comportamento do sujeito.

Schleiermacher ainda estava sendo influenciado pela ideia do Romantismo da existência de um espírito (*Geist*) – da unidade do ser de uma época que pode se manifestar nas produções de um indivíduo –, mas sua pretensão maior era mostrar a necessidade de “experimentar os processos mentais do autor do texto.” (PALMER, 1986, p. 93) na interpretação, para eliminar a sensação de estranheza que nos impede de alcançar uma compreensão correta do mesmo.

Todavia, como esse elemento singular só poderia ser apreendido a partir do todo, qualquer compreensão, segundo Schleiermacher, consistiria “em dois momentos: compreender o discurso enquanto extraído da linguagem e compreendê-lo enquanto fato naquele que pensa.” (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 95).

Embora tenhamos conhecimento da história da época de um autor, do acervo linguístico do qual ele teve acesso e do conteúdo do texto em questão, dispomos apenas de um ponto de partida. Desse modo, podemos nos basear neles em um primeiro momento para chegar às nossas próprias conclusões, mas, conforme Schleiermacher, é na compreensão da individualidade do autor que reside a dificuldade de compreensão.

É por isso que a compreensão correta não se dá por si mesma, mas, pelo contrário, ela precisa ser buscada, ela exige o esforço da hermenêutica e de procurarmos, além de tudo, o mínimo que nós trazemos conosco de cada um dos demais. Somente assim somos capazes de adivinhar o que o outro quer dizer.

O fato de que Schleiermacher concordou com o velho princípio hermenêutico do todo e da parte não significa que ele não tenha buscado uma solução para um dos grandes problemas da compreensão, que é a quase impossibilidade de revelar totalmente o "mistério" que é a individualidade humana.

Para Schleiermacher, a superação da distância temporal de nós com relação ao texto, oriundo do passado, é uma tarefa especial que se põe à hermenêutica e que não podemos recusar. Porém, ele almejou encontrar com isso, para além da transposição da nossa ignorância com relação à história, uma equiparação com o autor do texto. Para ele, mais difícil do que todas as outras tarefas é ultrapassar o problema da obscuridade do tu (GADAMER, 1990, p.194-195).

Segundo o ponto de vista de Gadamer, Schleiermacher se serviu do círculo hermenêutico mais como um esquema de ordenação para descrever o processo do compreender do que propriamente buscando aí um critério fundamental. Schleiermacher admitiu que a compreensão move-se dentro de um círculo. A adivinhação da qual ele falou não é algo que acontece imediatamente, pois nada pode ser compreendido de uma só vez.

Ao mover-nos nesse círculo, tenta, por meio do aperfeiçoamento do aprendizado da linguagem do escrito e da busca pela captação da interioridade do autor, ter uma

visão mais acertada do todo e, conseqüentemente, da parte. Assim, enriquecemos o nosso pré-saber e estamos "em condições de uma melhor compreensão." (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 116).

Contudo, embora a ampliação desse círculo, que é o alcance da possibilidade da compreensão, do acordo, seja o interesse da hermenêutica como um todo, Schleiermacher também buscou o cessar desse movimento. Isto é, ele queria mostrar como se chega à compreensão de fato, à condição ideal de equiparação com o autor, por isso o "método" divinatório era tão importante.

Aliás, ele era mais que um método. Por essa razão utilizamos tantas aspas. Métodos, de um modo geral, são utilizados com a pretensão de verificar dados mensuráveis, analisá-los, para se chegar a resultados precisos. Seria mais correto, apesar também da grande possibilidade de equívocos, falarmos que a hermenêutica de Schleiermacher era uma "arte" – visto que, para ele, qualquer produção intelectual é uma "produção estética" –, o que é muito diferente de um processo mecânico. Não há um critério de verificabilidade quando o assunto é a adivinhação.

Entretanto, da mesma forma que uma teoria que se guia pelo padrão do método, com a hermenêutica de Schleiermacher também se esperava que o processo de interpretação chegasse a uma conclusão, que seria a compreensão liberta dos mal-entendidos; de tal modo que não se pudesse somente compreender adequadamente o sentido de um texto, mas talvez tão bem, ou até melhor, do que o seu próprio autor (SCHLEIERMACHER, 2006, p. 69).

Foi por isso que Schleiermacher buscou uma equiparação da nossa interpretação com as intenções do autor. Ele não falou de uma simples identificação, mas de uma compreensão talvez até mais ampla do que teria o leitor original, o qual pertencia à época do autor. Nesse sentido, "a reprodução permanece essencialmente distinta da produção." (GADAMER, 1990, p. 195).

Esse reconhecimento foi mais um ponto em destaque da hermenêutica de Schleiermacher, embora antes dele outros

filósofos já tivessem atentado para essa “regra metodológica”. Mas em Schleiermacher essa regra recebeu uma nova configuração, porque se tratava de mostrar que apesar da estruturação fixa da língua “o falar do indivíduo é um fazer livre e configurador.” (GADAMER, 1990, p. 200), de tal modo que quem fala não está a todo momento consciente do conteúdo daquilo que é dito.

Essa fórmula de “compreender um autor melhor do que ele próprio se compreendeu” tem muitos elementos que podemos explorar, a saber: 1) O ato da compreensão é uma reprodução; 2) Quando nos esforçamos para compreender um texto temos “que nos tornar conscientes de algumas coisas que ao produtor original podem ter ficado inconscientes”; 3) Isto remonta à ideia de que o autor pode produzir de modo inconsciente, mas que a reprodução exige uma consciência acerca disso; 4) Por isso, “o artista que cria uma obra não é seu intérprete qualificado.” (GADAMER, 1990, p. 195-196), isto é, seu contributo como leitor se restringe ao esclarecimento do que ele “quis dizer” com aquela obra.

Partindo desses pressupostos, conforme Gadamer, o que Schleiermacher quis exprimir com a sua fórmula paradoxal foi que “o que se deve compreender não é, obviamente, a autointerpretação reflexiva, mas a intenção inconsciente do autor.” (GADAMER, 1990, p. 197). As problemáticas da história e da distância temporal, nesse sentido, tornam-se discussões secundárias, embora possuam importância dentro do pensamento de Schleiermacher. A história para ele era como se fosse um panorama onde a criação livre acontecia.

Parece-nos que o propósito da hermenêutica de Schleiermacher era servir de sustentáculo para a compreensão, quando essa se depara com um discurso de uma individualidade cuja apreensão imediata não é possível. Assim, o problema da compreensão, para Schleiermacher, passou a ser justamente a obscuridade de um “tu” a partir do qual se originaram certas objetivações na história. Por tudo isso, segundo ele nos afirmou,

em todo lugar onde houver qualquer coisa de estranho, na expressão do pen-

samento pelo discurso, para um ouvinte, há ali um problema que apenas pode se resolver com a ajuda de [sua] teoria” (SCHLEIERMACHER, 2006, p.31).

Considerações Finais

Embora Schleiermacher, com a sua “arte de interpretar.” (SCHLEIERMACHER, 2005, p.99), tenha tocado em um dos problemas mais profundos da teoria do conhecimento – que é a pergunta sobre a possibilidade de captarmos algo estranho, que não fez parte das nossas experiências, a partir de um conhecimento universal – ele incorreu em algumas aporias: 1) Ele não conseguiu dizer como uma individualidade pode

transformar em conhecimento objetivo com valor universal o dado sensível que é, para ela, uma manifestação vital de uma outra individualidade (DILTHEY, 1984, p. 167); 2).

Nem como podemos extrair a parte do todo e o todo da parte; 3) Além de não ter mostrado no que difere propriamente a *compreensão* do texto de uma *explicação* puramente empírico-racional de um objeto.

Todas essas aporias, ou problemas epistemológicos, surgiram porque Schleiermacher, ao tentar evitar os mal-entendidos que podem surgir na interpretação de um texto, se serviu de operações lógicas (indução, análise, construção, comparação) das quais fazem uso as ciências da natureza, isolando o intérprete da sua compreensão da vida. Além disso, a preocupação de Schleiermacher não era a mesma do historiador. Ele não estava interessado em refletir suficientemente a questão da universalidade dos nexos históricos (GADAMER, 1990, p. 201), que deveria contribuir para esclarecer inclusive como cada vida individual é, de certo modo, reflexo do todo.

O pressuposto básico do pensamento de Schleiermacher era de que toda individualidade é manifestação da vida do “todo” e de que, assim, cada um traz em si mesmo um pouco de cada um. No entanto, ao invés de pensar mais pormenorizadamente sobre isso, ele recorreu a uma abstração metodológica.

Esse foi o limite da hermenêutica de Schleiermacher e foi partindo dessas questões que seus sucessores desejaram, por um lado, superar o psicologismo decorrente de sua hermenêutica e, por outro, ultrapassar o historicismo que daí derivou quando se tentou captar o conteúdo objetivo de um texto (sua linguagem, sua história) sem considerar a trama de efeitos recíprocos da história.

Referências Bibliográficas

DILTHEY, Wilhelm. "Origens da hermenêutica", in: *Textos de hermenêutica*. Trad. Alberto Reis. Lisboa: Rés, 1984.

GADAMER, Hans-Georg. "Auto-apresentação de Hans-Georg Gadamer", in: *Verdade e*

Método II: complementos e índice. 2.ed. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Wahrheit und Methode: Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1990 (Gesammelte Werke, Bd.1).

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1986.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. 5.ed. Trad. Celso Reni Braidá. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

_____. *Hermenêutica e crítica*. Trad. Aloísio Ruedell. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.